



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXVIII • SÃO PAULO, MAIO DE 2013 • EDIÇÃO 03

NESTA EDIÇÃO:



**DUPLO DIPLOMA NA
ALEMANHA**

PÁGINAS 6 E 7



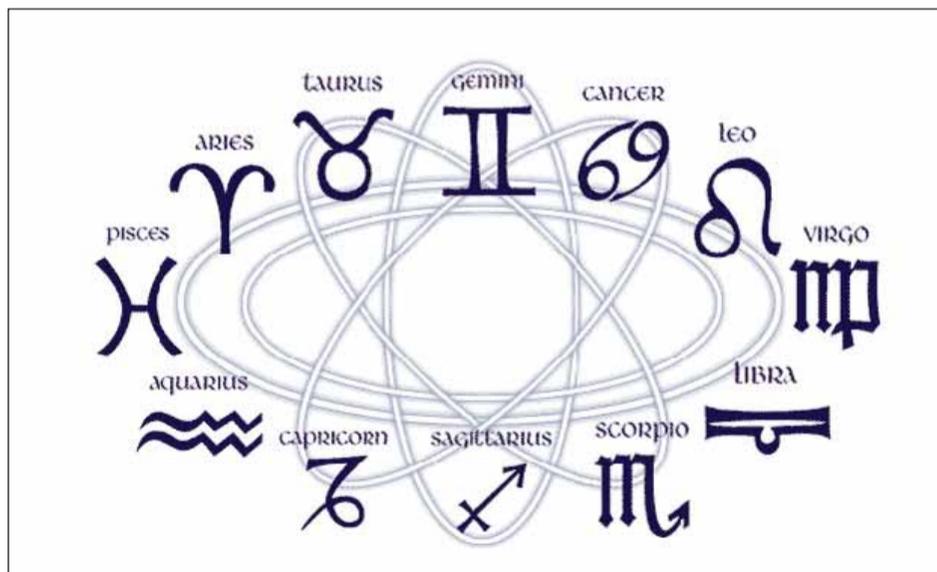
**O MAIS NOVO PRÉDIO
DA POLI**

PÁGINA 12



**LIVRO "CAUSOS DA CASA
DO POLITÉCNICO**

PAG 10



**O HOROSCOPOLI
VOLTOU!**

PAG 13

**CONCORDA COM
10% DO PIB?**

PÁGINAS 3 E 4

**CONHEÇA MELHOR O
ARTIGO 76**

PÁGINAS 8 E 9

**VEREADORES
HOMENAGEARAM
ANIVERSARIO DA POLI**

PÁGINA 10

**POLITÉCNICO SEM
TECNOLOGIA?**

PÁGINA 14

EDITORIAL

Chegamos à outra edição e dessa vez temos ainda mais assuntos a serem discutidos. Novamente, tentamos trazer a maior variedade possível de temas para nosso jornal. O universo de trabalho de um engenheiro é muito amplo, portanto nada mais justo que O Politécnic mostre tanta diversidade.

Sendo assim, essa terceira edição do ano fala do artigo 76 – famoso artigo do jubileamento –, fala da homenagem feita aos 120 anos da Escola Politécnic na Câmara dos vereadores de São Paulo, traz um pouco de descontração nas seções Politreco e Etc, que fala de música de forma cativante, além de outros inúmeros assuntos.

Nosso especial sobre intercâmbios continua e dessa vez a entre-

vista foi com uma politécnic que está fazendo duplo diploma na Alemanha. O conhecimento transmitido por um aluno que estuda no exterior é sempre interessante e pode ajudar muitos politécnicos que também sonham em frequentar aulas numa faculdade em outro país.

Nosso Politreco está completo novamente. O Horoscopolí está de volta para juntamente com os outros textos da seção fazer nossos alunos rirem e poderem fugir um pouco do dia a dia.

Estamos sempre abertos à entrada de novas pessoas em nossa equipe editorial e a textos vindos de alunos. Apareça em nossas reuniões que acontecem no Grêmio, às quintas-feiras no horário do almoço, ou envie textos para nosso e-mail opolitecnico2013@googlegroups.com.

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, Maio de 2013 - Ano LXVIII – Edição 3

Editor Chefe: Jean Michell

Equipe Editorial: Ana Luchesi, Felipe Marins, Mariana Justo, Diego Andriolo, Fernando Aguiar

Tiragem
1.500

Contato: opolitecnico2013@googlegroups.com

Diagramação e impressão

Volpe Artes Gráficas
(11) 3654-2306

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

SUDOKU

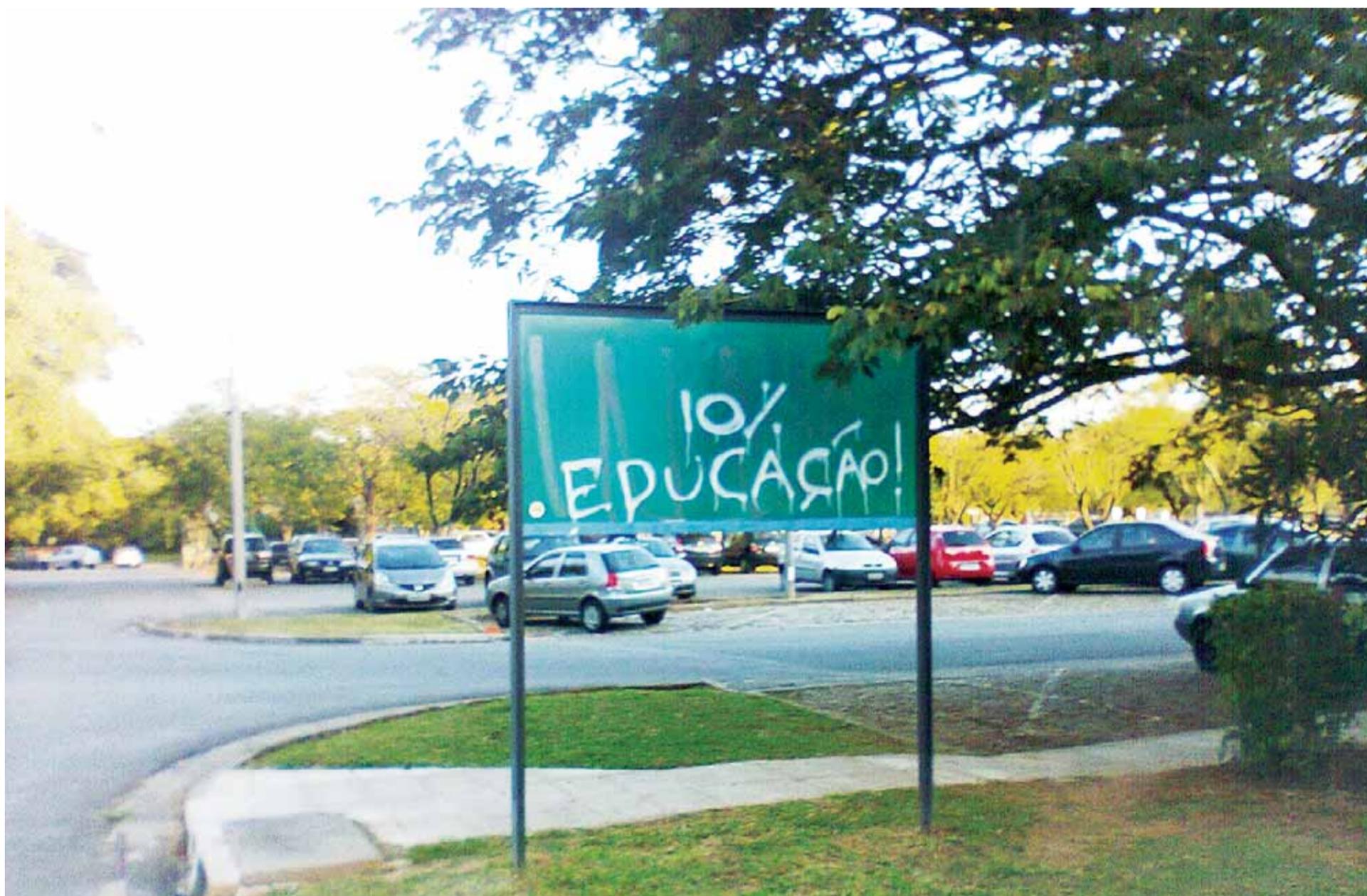
FÁCIL

		7			5	9		
	1				4	2		
			9				8	
			6		2			5
		1		7				
	6					7		
				3				6
		3	4			5	1	
9				8				

DIFÍCIL

3		4	2	9	1			6
	1	7		8			9	2
9	2				5	1		4
1	6	2		5		3		8
		5		2	8		6	7
			6		4	2		
	9	3	5			6	7	
2			8	1	9		5	
	4		3		6	8		

10% do PIB para o ralo



Você, meu caro colega politécnico, certamente já ouviu da tal campanha dos 10% do PIB para a educação. Aquela que tem como meta tirar as nossas crianças do buraco em que se encontram para dar educação pública gratuita e de qualidade para todos. A panaceia que vai acabar com todos os problemas do Brasil, como a consciência social de crianças carentes, diminuição da taxa de natalidade, pessoas que param na esquerda da escada rolante,

o trânsito de São Paulo, a torcida do curintia e até mesmo possíveis invasões alienígenas. E mal passou um parágrafo neste texto e tenho certeza que você já entendeu que não apenas repudio a proposta dos 10% do PIB para a educação como sugere o título, mas também a ridicularizo.

Não ridicularizo apenas pela absoluta e evidente inconsequência econômica da proposta. Ridicularizo porque este é um fenômeno psicológico conhecido. Observando o que

acontece lá fora, sempre existe quem venha com uma solução simples, elegante e errada, e convence uma grande quantidade de pessoas – e pela simplicidade e elegância, mexe até com as mentes mais avançadas. Não basta você ter raciocínio crítico, simplesmente não é fácil negar uma afirmação feita para que todas as alternativas pareçam elitistas, menos ainda quando se apresentam exemplos como os excelentes resultados da educação na Finlândia e o pesado

investimento do governo no setor.

O fenômeno que estou falando é o chamado culto à carga. Aconteceu no final do século XIX e início do século XX, mas aconteceu de forma mais marcante durante a Segunda Grande Guerra, quando soldados japoneses e ocidentais acamparam em diversas ilhas da Oceania. Durante esse tempo, aborígenes nativos observavam uma tecnologia muito além de sua

Continua na página 4



imaginação e não compreendiam absolutamente nada. Depois da guerra, muitos aeroportos nessas ilhas foram abandonados, para serem visitados novamente anos depois. Para a grande surpresa dos visitantes, os nativos imitavam o que viram na medida do possível, vestindo-se como os soldados, desfilando com rifles de madeira (alguns com as inscrições "USA"), abrindo clareiras imitando aeroportos, construindo fones de ouvido e réplicas de aviões de madeira em tamanho real, colocando tochas em torres localizadas em pontos estratégicos e até mesmo fazendo a sinalização de pouso em pistas também construídas por eles. E faziam isso tudo pois viram que, com os soldados, o resultado eram caixas de madeira com comida e todos os tipos de provisões caindo do céu, pousos de aviões e barcos trazendo mais gente com ainda mais provisões, como se aqueles fossem presentes divinos. Os soldados às vezes até as dividiam com os nativos.

Ou seja, o fenômeno que estou falando é a observação de fenômenos externos e aplicação em realidades diferentes esperando resultados similares, normalmente (mas nem sempre) causado por uma reflexão insuficiente da questão.

Quem usa o exemplo da Finlândia está praticando o culto à carga. A campanha dos 10% do PIB não vem de falta de reflexão: vêm, na verdade, de um projeto ideológico de quem já está no poder, ainda que dentro de certos limites, e só quer aumentar o investimento na eternização do próprio projeto político.

Por mais que pareça óbvio de dizer, o Brasil não é a Finlândia. De acordo com dados de 2011 do FMI, o PIB per capita anual da Finlândia (em poder de paridade de compra) é de U\$36.235,97, o do Brasil é U\$11.769,41. A Finlândia tem uma população menor que metade da cidade de São Paulo e um conjunto de regulamentações excepcionalmente tímido. Abrir uma escola na Finlândia é trivial perto de abrir uma escola em São Paulo. Por consequência, escolher uma também.

Nenhum setor produtivo floresce

simplesmente porque se injetou dinheiro ou porque se construiu infraestrutura. Nenhuma força aérea se torna poderosa meramente por ter comprado mais aviões; há a necessidade também de se treinar novos pilotos, e em especial, de se atualizar o sistema onde ele estiver defasado. Do contrário, os novos aviões apenas a enfraquecerão ao representar mais custo de manutenção enquanto ficam na garagem. Economistas chamam de fundamentalismo do capital a crença de que basta montar um parque industrial e construir infraestrutura para ver a economia crescer. Diogo Costa, escritor do blog Capitalismo Para Os Pobres, fala de uma outra crença: o fundamentalismo do investimento, no qual se trata um maior investimento como a solução para um problema. Complemento citando Mencken: para cada problema complexo existe uma solução simples, clara e errada. Se construir infraestrutura, parques industriais e investir fosse suficiente, Gana seria uma potencia mundial, pois em sua independência da Inglaterra tinha um grande parque industrial, e recebe cada vez mais ajuda externa desde então; na realidade, Gana foi empobrecendo, as fábricas de alumínio anunciadas nunca produziram uma latinha sequer e nos anos 70 a população passava fome.

O problema da educação brasileira não reside na falta de dinheiro. O problema da educação brasileira reside nas exigências que o MEC tem sobre as escolas, que seguem regulamentações grosseiras, gigantes e jurássicas; nas aulas de filosofia implantadas para se tornar palanque político pra quem já tem conteúdo defasado em matemática básica; na pedagogia que aliena e trata os pobres como oprimidos pelo mercado; na estrutura pública que pune quem é produtivo e repudia o mérito e a responsabilidade; na implantação de políticas que desincentivam o esforço pessoal e a busca de educação de qualidade, como a reserva de vagas que exclui os pobres que trabalham pra pagar uma educação minimamente razoável para seus filhos, e os educadores que, na medida do pos-

sível, se esforçam em oferecer uma educação com o menor preço possível para esses pobres. O problema da educação brasileira é extenso demais para apenas um artigo.

Os 10% do PIB não ajudarão a resolver o problema da educação, mas ajudarão a resolver o problema de alguns indicadores a respeito de educação. Ao se obrigar a matrícula de todas as pessoas em idade escolar, o número de matrículas se torna grande, mas não chega a 100%. Incentivos financeiros para as famílias que não possam mandar os filhos para a escola fará surgir um número ainda maior de matriculados. E aí entra a Lei de Goodhart: quando uma medida se torna uma meta política, ela deixa de ser uma boa medida. Professores e alunos começarão a fingir que existem aulas, escolas fantasmas terão inúmeros alunos "matriculados", e o mais importante, escolas passarão a receber mais e mais alunos, com direito a merenda, salas com centenas de cadeiras e mudanças leves na estrutura. O dinheiro pode até comprar salas, equipamentos e contratar professores melhores, mas o dinheiro não muda a situação e estrutura política citada no parágrafo anterior. A escola aumenta, a qualidade geral continua baixa, os bons profissionais fogem, a qualidade cai ainda mais. Aumenta-se o número de alunos sem aumentar a educação do país. Eu gostaria que essa fosse uma previsão pessimista minha. O IDH é composto, entre outras coisas, pelo número de alunos matriculados em um país. Tudo isso já aconteceu e continua acontecendo até hoje, e não é exclusividade do Brasil.

Os programas de governo centralizados ajudam a manter o dinheiro do povo indo ao lugar que der menos resultado. Os mecanismos de mercado ajudam os pobres a prosperarem. Educação é mercadoria, pois alunos a compram e professores a vendem; precisamos fomentar o crescimento desse mercado. Há uma certa ojeriza generalizada a estes mecanismos de mercado quando se pensa que mercado significa lucro máximo e absoluta falta de humanismo. Na verdade, nós somos o mercado. Você está na

USP porque sabe que ela é a melhor, e quem disse que ela é a melhor foi o mercado. Seus pais te colocaram na melhor escola que puderam pagar, e você vai fazer o mesmo com seus filhos porque, de acordo com suas possibilidades, vai querer escolher sempre o que considerar melhor de acordo com as possibilidades. Se você é dono de uma escola, você vai querer oferecer o melhor produto para os pais, e quer ter os melhores alunos, o que só conseguirá com os menores preços. Isso é o mercado. Nós somos o mercado. Os pobres são o mercado. Planejamento central não é o mercado, pois não responde aos mecanismos de lucro, perda, custo-benefício, custo marginal, etc. Voltando a citar Diogo Costa: "Governos que financiam agências e escolas de acordo com sua necessidade estão castigando o desenvolvimento das capacidades e recompensando a multiplicação de necessidades. Quanto pior for o desempenho das escolas, maior será sua necessidade, e portanto, mais acesso ela terá a verbas públicas." Por que, então, ao invés de aumentar o investimento público na educação, não diminuimos o dinheiro tomado do povo pelos impostos e abrimos o mercado para que os próprios brasileiros consigam investir, empreender e pagar escolas cada vez melhores para seus filhos? Não se faz a boa educação de um povo com boas intenções, mas com bons incentivos e liberdade de fazer suas próprias escolhas.

Uma frase bem famosa que circula o meio dos 10% do PIB diz: "Você acha a educação cara? Experimente a ignorância então!" Ignorância costuma ter consequências desastrosas e estar disponível de graça. No Brasil, porém, tendo as mesmas consequências, custa bem caro, e querem aumentar o custo para 10% do PIB. Não quero ver qual vai ser a próxima solução mágica quando 10% de toda a produção nacional se direcionarem para um setor engessado e afundando, e mesmo assim a situação continuar piorando.

Daniel de Paula



O Politécnico e o Movimento Estudantil

Sete. Não setenta e tampouco setecentos. Sete. Esse é o número de votos com os quais, segundo o DCE-Livre da USP, a Escola Politécnica contribuiu para a eleição de delegados para o congresso da UNE. Fazendo uma conta rápida, passam no vão do Biênio pelo menos setecentas e cinquenta pessoas por dia. A cabina de votação ficou nesse mesmo espaço durante cinco dias. Não seria muito difícil conseguir uns quatrocentos votos, correto?

A pergunta é: o que explica o fato dos politécnicos serem tão avessos aos assuntos ligados ao Movimento Estudantil?

Três ideias surgem de maneira mais clara. A primeira delas se refere ao próprio Movimento em si. Possuidor de um passado digno de se bater palmas, o Movimento atuou de forma ativa na oposição à repressão da ditadura, fez voz pela campanha das Diretas Já e contribuiu massivamente para a revolta dos Cara Pintadas. Hoje em dia, no entanto, questiona-se a atuação do Movimento no sentido de se saber qual é a sua real função? Talvez por alienação, nós, politécnicos, acreditamos que não há mais nada pelo que lutar de forma efetiva hoje em dia que mereça a participação dos estudantes. Só que não. Digam tudo, mas não digam que politécnico é um graduando alienado. Isso é mentira. Politécnico enxerga a realidade ao seu redor de um modo ímpar. O mais provável, olhando por esse aspecto, é que não há nada ocorrendo hoje em dia que abale o bem estar de ser um estudante de engenharia e, por isso, não movemos um galho para mudar o status quo.

A segunda ideia diz respeito ao DCE-Livre. Já há alguns anos o DCE da USP tem na gestão chapas de esquerda com membros majoritaria-

mente da área de humanas. Por esse motivo, o politécnico, que é alcunhado de direitista e reacionário pela voz não politécnica da CUASO, enxerga com descrença a atuação dessa instituição. Não bastasse o descrédito que damos a eles, nunca vi, nesses meus dois anos na Universidade de São Paulo, uma iniciativa deles com a intenção de trazer a nossa Escola mais próxima da atuação do Movimento. Não é atoa que, mesmo sem ter havido um apelo para que boicotássemos a eleição de delegados, o boicote já é praticado naturalmente pelos estudantes da Escola Politécnica quando se trata de assuntos que envolvam o DCE.

A terceira ideia trata do individualismo. Essa é, sem sombra de dúvida, a justificativa dada por não politécnicos para explicar nossa ausência das lutas. Segundo muitos, um estudante de engenharia está preocupado somente com uma única coisa: seu futuro. Segundos essas mesmas pessoas, o futuro engenheiro estuda não com a intenção de modelar o presente para melhorar as condições de vida da sociedade, mas com o intento de conseguir o melhor estágio, o melhor emprego, a melhor carreira. Sinceramente, quem não quer isso para si? Todos querem ter uma vida onde dinheiro não é um problema, mas uma solução. Todo mundo que sonha em constituir uma família, por exemplo, quer ter estabilidade financeira para proporcionar uma vida diga aos seus, de modo que estes estejam apartados da realidade ruim e triste que o capitalismo impõe a quem não dança conforme a sua música.

Desse modo, acredito piamente que a terceira ideia, a do individualismo, não seja a que justifique a pergunta feita no início do texto. Um



politécnico não é um filhote do sistema opressor como muitos veem. Um politécnico é também um estudante, é também um aluno assim como todos os outros dessa comunidade chamada Universidade de São Paulo.

Sendo assim, as hipóteses não são de todo grotescas. Mas, vale ressaltar um ponto. Deixando a modéstia um pouco de lado, o politécnico é um estudante dotado de sensatez e de noção. Não toma decisões precipitadas e procura agir de um modo racional, engenheirístico (com o perdão do neologismo), avaliando os problemas e buscando soluções que tenham efeito prático. Se considerarmos a hipótese número dois como sendo a que melhor responde à pergunta do segundo parágrafo, não seria a hora de mais pessoas da Poli participarem do Movimento Estudantil aqui dentro USP? Então poderemos, sem tropeçar nas utopias, tornar esse Movimento mais próximo da realidade politécnica e, ao mesmo tempo, fazer o DCE-Livre representar e defender com efetividade o aluno da USP.

Talvez não seja assim, mas eu, Fernando, como politécnico, enxergo

a atual e as últimas gestões do DCE-Livre como grupos compostos por membros preocupados somente em alavancar suas carreiras políticas, deixando de lado a ideia original que deveria mover um Diretório Central dos Estudantes. Você, que agora lê, acredito que também compartilhe da mesma ideia que a minha e, por isso, ajuda a perpetuar a máxima de que quem faz parte do Movimento é tudo baderneiro que gosta de ver o circo pegar fogo e só preocupa em fazer greve.

Se essa for realmente a realidade do Diretório aqui dentro da USP, devemos ajudar a mudá-la ou, caso contrário, acompanharemos passivos (se nos dermos ao menos o trabalho de acompanhar, é claro) o colapso dessa instituição. Por fim, com a sua desculpa, leitor, de fazê-lo ler tantas vezes a palavra "politécnico", um politécnico é mais do que capacitado para fazer acontecer uma mudança no Movimento Estudantil, responsável por nos aproximar da política, que é um arte (ou uma ciência, enxerguem como quiserem) sem a qual não somos verdadeiros cidadãos.

Fernando Aguiar



Entrevista Alemanha

A nova sessão d'O Politécnico reservada para falar sobre intercâmbio continua e, nesse mês, a fofíssima Lívia Telles nos conta um pouco sobre como conseguiu fazer duplo diploma na Alemanha. A politécnica cursa o 5º ano de engenharia naval e na entrevista abaixo responde perguntas sobre o processo de admissão e sua nova vida no país a fim de esclarecer as possíveis dúvidas que os alunos comumente têm sobre o assunto.

Desde que você entrou pensava em fazer intercâmbio?

Acho que sim... Desde o cursinho eu sabia que a Poli tinha vários programas de intercâmbio, aí eu sempre pensei em fazer um.

Então você sempre se preparou? Isto é, procurou manter notas altas e estudar o idioma?

Eu estudava alemão no ensino médio, mas eu sempre tentei manter notas altas na Poli pensando nisso sim. Além disso, comecei a fazer francês na Poli, porque assim poderia tentar fazer intercâmbio na França também.

Você era fluente na língua quando foi selecionada lá? Isso foi uma exigência?

Não, não era não, e pra falar a verdade, ainda hoje tenho várias dificuldades com a língua. Mas uma exigência era um conhecimento básico. Todos tiveram que fazer um teste de proficiência para saber o nível de conhecimento de cada um.

Conte-me mais sobre o processo de admissão.

Bom, a primeira fase foi encaminhar documentos, histórico escolar e carta de motivação. Ao ser aprovado por essa fase a próxima foi fazer o teste de proficiência e depois uma entrevista em alemão com o pessoal do DAAD (que é um órgão alemão que coordena intercâmbios). O processo foi basicamente esse, depois foi só esperar a resposta final.

E como foi o processo de adap-

tação aí?

No primeiro mês fomos pra uma cidade chamada Dresden. Lá o DAAD providenciou moradia para nós e um curso de alemão. Depois fomos pra Darmstadt, onde fica a universidade, só que aqui nós não tínhamos moradia reservada. A escola já tinha nos avisado que possivelmente não teriam condições de nós dar moradia, por conta de haver muitos alunos estrangeiros em situação semelhante à nossa. Por sorte, nossos veteranos brasileiros nos "adotaram" até conseguirmos providenciar moradia aqui. Pelo que eu ouvi, sempre os brasileiros mais velhos ajudam os que chegam aqui, pois a escola nunca consegue garantir moradia aos brasileiros. Provavelmente ano que vem eu mesma adotarei os intercambistas também, mas a adaptação aqui não foi difícil... A cidade na que estou (Darmstadt) tem muitos eventos culturais, e a escola tem vários programas de final de semana voltados especialmente para brasileiros. Do grupo de intercambistas da poli pra Alemanha, alguns alunos foram pra Stuttgart em vez de Darmstadt (para fazer o programa de aproveitamento de créditos e não o duplo diploma). Eles já tinham tudo combinado em relação a moradia com a universidade de lá, então eu diria que eles se adaptaram mais facilmente.

E em relação ao clima e a comida?

A comida pra mim não foi difícil de me adaptar porque eu mesma nunca gostei muito de arroz com feijão, mas acredito que de forma geral os brasileiros daqui não tem difi-



culdades com a comida. O que mais se come aqui é carne de porco com batata, o que, sinceramente, eu gostei muito. Sobre o clima, o inverno é muito mais frio que o nosso no Brasil, e no começo foi um pouco difícil de adaptar. Várias vezes eu pensava duas vezes antes de sair de casa por conta do frio, mas depois acabei me acostumando. No começo do ano acho que estava algo em volta de -15 ou -20 graus.

Nossa! E como foi a recepção dos alunos alemães?

Bom, existe esse grupo da faculdade que procura fazer atividades com os alunos estrangeiros, mas na verdade as nossas maiores interações com os alunos alemães eram quando dividíamos repúblicas com eles ou quando fazíamos esportes juntos. De vez em quando recebemos alguns e-mails falando sobre algum final de semana com alguma atividade para estrangeiros, mas fora isso

não existe uma maior recepção dos alunos alemães daqui. Sobre Stuttgart, aí não sei dizer como foi.

Quais são as principais semelhanças e diferenças que você vê entre a faculdade que está e a poli?

Bom, as diferenças: Aqui você pode se matricular nas matérias no final do semestre, desde que seja até umas duas semanas antes das provas. Todas as provas acontecem no final do semestre ou durante as férias, algumas têm data fixa (as provas escritas) e algumas você marca (prova oral). As matérias tem só uma avaliação, e não existe prova de recuperação. Outra diferença que eu senti é que, para falar com os professores fora dos horários de aula, você precisa primeiro mandar um e-mail pra eles e tentar marcar um horário de encontro. Não existe aqui a cultura de simplesmente ir à sala dele e bater na porta quando quiser. As aulas também são um pouco di-



ferentes, as pessoas geralmente não perguntam nada, então cada aula é como se fosse uma palestra. Ah! Não existe controle de presença, então é possível fazer apenas a prova de uma matéria sem ter ido a nenhuma aula.

Sobre as semelhanças... Na época de provas você vê muitos os alunos na biblioteca estudando, e existem muitas festas, mas não tantos quanto na USP. Tem 2 bandejões, mas eu diria que são melhores que os da USP. Uma coisa curiosa é que não existe circular, mas como a cidade é pequena a cidade inteira é como uma cidade Universitária, e as pessoas pegam

ônibus normal para ir de um prédio a outro, pois eles estão espalhados por toda a cidade. Por sorte todos os ônibus são pontuais, então não há muito problema com atrasos.

Em geral, qual é mais ou menos a média poli necessária para conseguir intercâmbio aí?

Não existe uma média mínima estabelecida, o mais importante é não ter muitas DPs. Eu mesma tenho uma DP, mas consegui ser aprovada pra Alemanha e pra França. Acabei escolhendo Alemanha por achar que a graduação aqui era melhor para

minha engenharia, mas eu diria que com uma média por volta de 6,5 já é suficiente para concorrer seriamente a vaga. Outros fatores que ajudam é o conhecimento da língua e o desempenho na entrevista. Nela, importante já ir preparado, tendo os principais fatores de motivação claros. Fazer uma pequena pesquisa antes sobre o país e universidade podem contar alguns pontos na entrevista.

Para finalizar, Livia diz “claro que essa experiência enriquece o curriculum, mas ela também ajuda a crescer muito no nível pessoal. Você ga-

nha um novo tipo de independência e responsabilidades, como arrumar moradia (a escola não arrumou pra gente) e cuidar do visto. Também tem as vantagens de conseguir viajar por preços relativamente baratos, nos feriados não é difícil dar um pulo na França ou Holanda, por exemplo. E o mais importante, você passa a se adaptar a uma cultura totalmente nova. Uma das coisas que mais gosto daqui é a segurança, não existe aquele medo de andar sozinho a noite.”

Ana Luchesi
Engenharia Elétrica – 2º Ano



A extinção dos dinos

Já existiu uma época na qual se encontravam pelos corredores da Escola Politécnica vários espécimes de Politécnicos com mais de 10 anos na graduação. Aos poucos o número de exemplares diminuiu e hoje são quase raridades: fósseis que aos poucos se transformam em lenda urbana.

Mas como alguém pode ficar mais de 6 anos na faculdade? 10 então?! Nem pensar! Pode parecer difícil conseguir tal feito, no entanto é bem simples: os pré-requisitos podem te empurrar para tal situação. Vou utilizar como exemplo o curso de Engenharia Civil, do qual faço parte. Fique com menos de 3 em Cálculo I, Álgebra Linear I ou Mecânica A e você leva de brinde mais um ano na Poli! Repita o procedimento com Mecânica dos Fluidos e está feito: você já está com 7 anos garantidos. Sua história acadêmica já está embaralhada, com dificuldades de encaixar as disciplinas e conflitos de horários. Sem contar o que ainda resta pela frente: R2, Metálicas, Tráfego e outras disciplinas com elevado índice de reprovação.

Vale lembrar também que a vida não é linear, sua situação financeira ou familiar pode mudar drasticamente e as consequências podem se refletir em seu desempenho acadêmico. Você pode estar pensando "Ah! Mas isso nunca vai acontecer comigo.", sinto informar que vai. Como se pode observar na Tabela 1, aproximadamente 20% dos alunos da Poli se formam em 10 semestres e 10% dos ingressantes em 2008 evadi-

Período de conclusão	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Período Ideal (PI)	324	290	262	248	251	239	225	161	2	0	0	0
PI + 1 sem.	35	44	41	39	59	51	54	0	0	0	0	0
PI + 2 sem.	125	151	166	179	151	163	139	0	0	0	0	0
PI + 3 sem.	22	30	37	35	26	34	0	0	0	0	0	0
PI + 4 sem.	45	49	70	58	59	47	0	0	0	0	0	0
PI + 5 sem.	12	10	14	10	15	0	0	0	0	0	0	0
PI + 6 sem.	22	22	19	22	15	0	0	0	0	0	0	0
PI + 7 sem.	7	8	4	8	0	0	0	0	0	0	0	0
PI + 8 sem.	11	9	13	9	0	0	0	0	0	0	0	0
PI > 8 sem.	20	16	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alunos ativos	9	9	24	41	79	129	277	513	690	696	721	726

Tabela 2: Tempo para integralização do curso (em semestres): distribuição de frequência por ano de ingresso dos alunos concluintes (em números).

Período de conclusão	2001 (%)	2002 (%)	2003 (%)	2004 (%)	2005 (%)	2006 (%)	2007 (%)	2008 (%)	2009 (%)	2010 (%)	2011 (%)	2012 (%)
Período Ideal (PI)	43.03	38.56	34.93	33.07	33.42	31.87	29.92	21.44	0.27	0.0	0.0	0.0
PI + 1 sem.	4.65	5.85	5.47	5.2	7.86	6.8	7.18	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 2 sem.	16.6	20.08	22.13	23.87	20.11	21.73	18.48	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 3 sem.	2.92	3.99	4.93	4.67	3.46	4.53	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 4 sem.	5.98	6.52	9.33	7.73	7.86	6.27	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 5 sem.	1.59	1.33	1.87	1.33	2.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 6 sem.	2.92	2.93	2.53	2.93	2.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 7 sem.	0.93	1.06	0.53	1.07	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI + 8 sem.	1.46	1.2	1.73	1.2	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
PI > 8 sem.	2.66	2.13	0.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Alunos ativos	1.2	1.2	3.2	5.47	10.52	17.2	36.84	68.31	92.0	92.8	95.88	97.71

Tabela 3: Tempo para integralização do curso (em semestres): distribuição de frequência por ano de ingresso dos alunos concluintes (em porcentagens).

Continuam entre nós 41 alunos (5,47%) ingressantes em 2004 e somam-se a estes mais 42 alunos dos

Congregação da Escola Politécnica é de 9 anos (2*PI - 1). Os alunos que ultrapassarem este prazo ficam submetidos

ma. O ensino, como uma destas atividades, tem seu escopo coberto pelo Título V do Regimento Geral (Artigos 62 a 120). O Artigo 76 estabelece o condicionamento à decisão da CG (Comissão de Graduação) a matrícula do aluno que:

I - não obtiver aprovação em pelo menos vinte por cento dos créditos em que se matriculou, nos dois semestres anteriores; (inciso alterado pelo art. 2º da Resolução nº 5434/2008).

II - não integralizar os créditos no prazo máximo definido pela Congregação da Unidade responsável pelo curso ou habilitação.

Parágrafo único - Para o cálculo dos 20% previstos no inciso I serão consideradas as disciplinas concluídas. (parágrafo acrescido pelo art. 2º Resolução nº 5434/2008)

Situação	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Ativo	9	9	24	41	79	129	277	513	690	696	721	726
Concluiu	623	629	632	608	576	534	418	161	2	0	0	0
Evadiu	114	109	89	97	93	78	54	72	54	52	29	17
Migrou	7	5	4	3	3	9	2	5	4	2	2	0
Faleceu	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Total de ingressantes	753	752	750	750	751	750	752	751	750	750	752	743

Tabela 1: Situação dos alunos na data de referência, segundo o ano de ingresso

ram ou migraram.

Para os 70% que ficarão por mais de 10 semestres, a distribuição de alunos por período de conclusão ocorre de acordo com as Tabelas 2 e 3.

anos anteriores, além dos mais antigos que não aparecem nos indicadores.

E porque a tabela para em PI + 8 semestres? Simples: o prazo máximo para conclusão do curso definido pela

ao Artigo 76, Inciso II do Regimento Geral da USP.

A Universidade de São Paulo - como autarquia - possui um Regimento Geral que regulamenta as atividades da mes-

sauros do 76



A Comissão de Graduação da Escola Politécnica fez uma recente alteração na Regulamentação do Artigo 76 I e II e estas são válidas para todos os alunos a partir do semestre atual. Para quem ultrapassa o 18º semestre, é preciso estar com 90% do curso completo e ter 50% de aproveitamento em todas as disciplinas já cursadas: o número de créditos aprovados durante o curso tem que ser maior ou

igual à metade do número de créditos matriculados.

Caso você esteja entre o 10º e o 18º semestres e tenha obtido menos que 20% de aprovação nos últimos dois semestres (Artigo 76, Inciso I), além de ter 50% de aproveitamento, precisará ter completado no mínimo 5% do número de semestres efetivamente matriculados. Por exemplo: supondo que esteja no 13º semestre e nos últimos

dois tenha obtido uma aprovação menor que 20%, só obterá matrícula se:

1) Número de créditos aprovados \geq Número de créditos matriculados / 2

2) (Número de créditos aprovados / Número de créditos do curso) \geq 0,05 * 12 = 60%

Supondo que tenha trancado algum semestre, ele não seria computado como matriculado.

A Tabela 4 resume as novas regras.

NS	$R_1 = \frac{NA}{NM}$	$R_2 = \frac{NA}{NC}$
De 1 a 9	$\geq 0,05.NS$	> 0
De 10 a 18	$\geq 0,5$	$\geq 0,05.NS$
19 em diante	$\geq 0,5$	$\geq 0,9$

Tabela 4: Novas Regas do Artigo 76

ONDE:

Curso: curso da EP no qual o aluno estava alocado quando incorreu no artigo 76;

Créditos: (créditos-aula) + (créditos-trabalho);

Créditos do curso: (créditos de disciplinas obrigatórias)+(créditos de disciplinas optativas);

NS: (Número de semestres como aluno do curso)-(Número de semestres trancados);

NA: Número de créditos do curso nos quais o aluno logrou aprovação durante os NS semestres;

NM: Número de créditos do curso nos quais o aluno se matriculou durante os NS semestres, excetuando-se os trancamentos de disciplinas;

NC: Número total de créditos do curso.

Em resumo, caro politécnico: fique atento desde já às matrículas que pede e à dedicação ao curso.

Deixar para resolver depois pode te tirar da Escola Politécnica. Caso me permita, seguem algumas sugestões de um veterano:

- Ao identificar uma dificuldade, procure a Coordenação do seu Curso, do Biênio ou a Assistência Técnica Acadêmica.

- Fique atento ao que se matricula, não exceda o seu limite.

- Matricule-se apenas no que conseguir passar.

- Observe o prazo de trancamento parcial de matrícula e o faça quando reparar que não conseguirá passar na disciplina.

- Não deixe a vida universitária atrapalhar sua vida acadêmica!

Artigo 76 I

http://www3.poli.usp.br/images/stories/media/download/graduacao/Artigo_76_I_-_completo.pdf

Artigo 76 II

http://www3.poli.usp.br/images/stories/media/download/graduacao/Artigo_76_II_-_completo.pdf

Calendário USP

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCalendario.jsp?codmnu=2213>

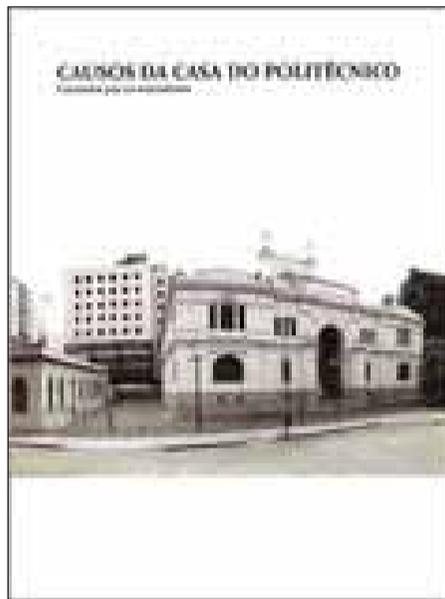
Indicadores Estatísticos

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/webMenuNavegacao.jsp?codmnu=2216>

Normas USP

<http://www.leginf.usp.br/>

Casa do Politécnico



Desde a ideia e o projeto, na década de 50, à sua desvalorização no fim da década de 70, a Casa do Politécnico foi um abrigo e um refúgio para muitos alunos que tinham que enfrentar não só uma condição nova de estudo, que é entrar numa faculdade, como também uma cidade nova pela primeira vez sozinhos.

A ideia da Casa veio de uma necessidade de uma moradia estudantil próxima à POLI, que era no prédio que hoje é a Fatec, no centro. E lá dentro tinham quartos, área de vivência, uma sede do Grêmio Politécnico, lanchonete; além de discussões, filmes, festas, shows, e o que mais os alunos procuravam fazer. Além de ter, claro, uma diretoria organizadora do espaço, como um síndico de prédio.

Mas depois de um tempo, com a mudança da POLI para dentro da Cidade Univesitária, a distância física dificultou tanto o acesso à Casa quanto sua gestão e cuidados. E esse espaço foi perdido.

Tive uma feliz surpresa ao ser convidada para o lançamento do livro “Causos da Casa do Politécnico”, porque descobri que um grupo de ex-moradores da nossa querida Cadopô ainda se encontra periodicamente e que o livro foi escrito por eles mesmos. Havia inclusive uma Comissão Editorial formada por voluntários: Márcio, Dal, Carlo, Zero, Horus, Calvito e Pedroca;



sendo esse último quem me convidou para o evento.

Trata-se de uma leitura fácil e gostosa, uma coletânea das melhores histórias vividas por esses que um dia estiveram nas mesmas condições de alunos da Politécnica em que estamos hoje e que foram voluntários para escrever essas fofocas. “Causos” de uma época em que a faculdade de engenha-

ria exigia e apertava como ainda é hoje. Eles podiam ter certeza que na Casa teriam o apoio, o conforto e tudo o que é necessário para motivá-los a continuar a enfrentar esse nosso curso, que não é fácil! Convido todos, portanto, à viagem ao tempo e à POLI que é essa leitura.

Monica Laraia Leonardo
Engenharia Mecatrônica 3º Ano

Homenagem aos 120 anos da Poli

No dia 08 de abril, a câmara dos vereadores parou para homenagear o aniversário de 120 anos de nossa Escola Politécnica.

O evento organizado pelo vereador Mário Covas Neto, filho do governador Mário Covas, contou com a presença de autoridades da casa, empresários, representantes de instituições como o Sindicato dos Engenheiros e funcionários, docentes e alunos que hoje fazem a Poli acontecer.

Simple, mas de grande importância, o evento consistiu em uma solenidade onde uma mesa discursava sobre os vários aspectos em que a Poli mudou a sociedade brasileira.

O atual presidente da câmara, Jose Américo Dias, deu início à solenidade e passou ao vereador Covas Neto a presidência da mesa, que era composta por representantes da Poli, o diretor Prof. Dr. José Roberto Cardoso e o vice-diretor Prof. Dr. José Roberto Castilho Piqueira, representantes de USP, pró-reitor de pesquisa Prof. Dr. Marco Antônio Zago e pró-reitor de pós-graduação Prof. Dr. Vahan Agopyan, e pelo representante dos alunos, presidente do Grêmio Politécnico, Rafael Ganzerli Auad.

Os discursos mesclaram história com a experiência daqueles que viveram parte da Poli, e elevaram a outro patamar o lema de nossa Escola – “Tradição e Modernidade”.

O presidente do Grêmio foi o primeiro a falar e acrescentou a importância da presença da Inovação no dia a dia politécnico. Ressaltou a importância do diálogo e do trabalho conjunto entre os alunos e a Escola para incentivar o desenvolvimento, pois o material de trabalho dos engenheiros não são as máquinas ou prédios, mas sim pessoas e vidas.

Os dirigentes de nossa Escola destacaram todos os projetos que já foram desenvolvidos aqui – como, por exemplo, o primeiro mini-computador brasileiro, o patinho feio – e todas as empresas que nasceram na Poli, como o Buscapé.

Os pró-reitores lembraram a contribuição da Poli para o surgimento da USP, com a publicação de pesquisas e

para o fortalecimento da pós-graduação na nossa Universidade.

Por fim, o vereador Covas Neto fez uma retrospectiva dos discursos que o antecederam e deixou claro em suas palavras o porquê de a Escola Politécnica ser uma formadora de grandes engenheiros e líderes. Líderes dos mais diversos, inclusive na vida pública.

Findos os discursos, a Câmara entregou uma louça de prata em homenagem aos 120 anos da criação da Escola Politécnica, como que num reconhecimento da sociedade paulistana à importância de nossa Escola.

Grêmio Politécnico



Laboratório de inovação da Poli



De repente, todos estavam comentando na Poli sobre o novo prédio que será construído no meio do estacionamento entre a civil e a administração e que tem tudo pra revolucionar a nossa faculdade. Aos poucos, as dúvidas sobre o assunto estão sendo esclarecidas aos alunos. Espero que essa reportagem ajude nos esclarecimentos.

No dia 10 de abril, foi apresentado o projeto do Laboratório de Inovação da Poli. Será um prédio com várias possibilidades de uso. E de acordo com o diretor da Poli, Prof. Dr. José Roberto Cardoso, o objetivo é tentar suprir as necessidades das pessoas criativas,

resgatando a liberdade de pensamento que tínhamos quando crianças. Haverá espaço pra que todo tipo de ideia possa ser desenvolvida.

O prédio, que incrivelmente funcionará 24 horas por dia durante todos os dias da semana, será um espaço para o trabalho dos inúmeros grupos de extensão que atualmente estão instalados no prédio da mecânica, como a Poli Jr. e o Keep Flying, além de iniciativas individuais de alunos. No laboratório deve sempre ocorrer aulas e experiências interessante para que os alunos se divirtam enquanto unem a teoria à prática.

O bom projeto, feito pelo arqui-

teto Rui Ohtake, conta com muitas estruturas para proporcionar uma excelente condição de pesquisa e desenvolvimento como: módulos oficina, impressora 3D, salas de aula, auditórios, salas de convívio e reunião, redes de dados, estações de trabalho, espaços para exposição (no térreo e auditórios), lanchonete, livraria e vestiários com chuveiros. Tudo isso sem deixar de lado a sustentabilidade, já que o projeto conta com: boa abertura para luz solar para diminuir os gastos com energia elétrica em iluminação; reaproveitamento de parte da água da chuva e painéis de energia solar.

Os alunos terão participação na gestão do prédio, contando com o apoio do Grêmio Politécnico. Dessa forma, poderão aprender muito enquanto ajudam a administrar o laboratório.

Vale ressaltar que a FDTE (Fundação para Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia) patrocina o projeto e o Reitor, Prof. Dr. João Grandino Rodas, apoia a iniciativa da Poli. A licitação deve sair assim que o projeto executivo do prédio estiver concluído e a construção do laboratório provavelmente estará concluída em 2015.

Jean Michell Santiago
Engenharia Civil – 3º ano

Salas Pró-Alunos

Na Escola Politécnica é muito comum ver alunos com notebooks, afinal, estudamos engenharia e além de todas as ferramentas que utilizamos no dia a dia, como pacote office ou CADs, precisamos estar sempre conectados à internet, para verificar e-mails, moodle, tídia, facebook - apesar de muitas vezes ser uma perda de tempo, os alunos se ajudam bastante pelo face - e etc. Mas nem todos os alunos têm notebooks, ou têm, mas não trazem sempre, por ser pesado e ruim de carregar em transporte público

ou medo de assaltos, uma vez que São Paulo (CUASO inclusive!) não é dos lugares mais seguros de se andar. Para esses casos, temos as salas para o aluno (vulgo pró-aluno) certo? Quase.

As pró-alunos são fundamentais para os alunos, mas nem sempre estão disponíveis. A pró-aluno do biênio é a melhor que temos na escola, mas depende da presença dos monitores para funcionar. Desse modo, ficamos à mercê desses, uma vez que eles são pessoas normais e também ficam doentes ou se atrasam. Quando um monitor falta, a sala simplesmente fecha até a chega-

da do próximo. Não acredito que se a sala ficar aberta por 2 horas sem algum responsável, o caos se instaure, alguém imprima aquela apostila de 200 páginas com a impressora da sala ou, no pior dos casos, equipamentos sejam roubados.

Já que a sala realmente fecha nesses casos, resta encontrar outra. Porém, as pró-alunos da Civil, Elétrica, Química, Minas ou os computadores da Administração, são um verdadeiro teste de paciência. O computador leva em média 10 minutos para inicializar (quem duvida, sinte-se a vontade para fazer o teste). E quando inicializa, tem apenas um ultrapassado Windows XP, com apenas um navegador, Internet Explorer. Não vou entrar no mérito do nave-

gador ou do sistema operacional, mas em 2013 temos opções melhores, ou mais modernas pelo menos.

Basta observar a quantidade de pessoas que utilizam as salas pró-alunos para perceber sua importância. Então, deveria haver um cuidado maior para que essas não fiquem fechadas muito tempo, prejudicando os alunos que utilizariam uma janela no horário para ver vídeos de estatística (caso particular desse autor) além de uma modernização das salas com máquinas bem antiquadas.

Diego Andriolo
Engenharia de Minas – 3º Ano



RockBixos

Ano passado, o Grêmio Politécnico criou o RockBixos e sua primeira edição aconteceu na Segunda Cervejada do Nabo do primeiro semestre do ano passado. O evento surgiu como uma forma de trazer boas apresentações musicais e principalmente integrar os novatos politécnicos.

RockBixos consiste num festival musical composto por bandas formadas única e exclusivamente por bixos da Poli. As bandas participantes tem desconto pra tocar no estúdio da vivência, durante a preparação para o evento: preço normal do estúdio é R\$15/hora e para as bandas participantes é R\$10/hora.

Ano passado, dez grupos tocaram, o nível musical se revelou bom e mostramos que não só de engenharia se faz nossa faculdade. E algumas das bandas do RockBixos foram chamadas para tocar no Bixopp 2012.

As inscrições para o II RockBixos aconteceram de 25 de fevereiro a 15 de março. Esse ano, tivemos um número maior de bandas inscritas. O evento, que aconteceu na última Cervejada do

Nabo, agitou o pessoal e ajudou a descontraír o clima pós provas.

Veja o que alguns participantes do I Rock Bixos e do II RockBixos tem a dizer sobre o evento:

“O RockBixos foi um evento muito interessante e que eu adorei ter participado. Fiz amizades que duram até hoje com o resto da banda que se formou ao acaso, e também me diverti muito. O único toque que dou é para a organização do palco, que no nosso ano acabou atrasando bastante até e que na minha opinião afetou o nosso desempenho devido ao stress criado. De resto foi tudo ok e eu espero que o grêmio continue organizando esse evento!”

Elisa Tengan, participante do I Rock Bixos

“O Rock Bixos foi incrível, poder pensar que depois daquela aula estressante eu ia tirar um som com meus amigos me dava uma sensação muito boa! Conheci muita gente! Apesar de estilos diferentes,

todos os participantes são músicos e tem assunto até não querer mais, ideias e experiências pra trocar! Estou com a minha banda, The General, até hoje e meus melhores amigos estão nela! Já fizemos inúmeros shows depois do Bixopp, inclusive fora da USP, e tenho certeza que vamos continuar pelos próximos 7 aninhos até nos formarmos (risos), a organização foi muito boa, atenciosa e responsável e acredito que a deste ano esteja ainda melhor! Desejo sorte e sucesso à todas as bandas e para a banda vencedora já adianto: tocar no Bixopp é animal !!!”

Rafael Ribeiro Correia, participante do I RockBixos

“A música é uma grande e forte fonte de inspiração e essa, sem dúvida alguma, é uma ótima oportunidade para que ela desempenhe um de seus papéis fundamentais: unir as pessoas. Enganar-se o sujeito que acredita que um festival de bandas proporciona apenas a aproximação entre aqueles que, tocando em conjunto, se conhecem melhor, pois, na verdade, todos que lá estão para apre-

ciar uma apresentação como essa se aproximam, mesmo que indiretamente: cantam, dançam, vibram juntos, em um movimento que é muito natural e, ao mesmo tempo, inexplicável.

Particpei de 4 bandas (pois é, sou meio maluco), o que já me levou a criar certa intimidade com várias pessoas novas ou até mesmo me possibilitou conhecer melhor algumas que, ainda no meu antigo colégio, havia visto e/ou conversado, mas não tinha uma relação muito próxima. É em ocasiões como essa que a troca de experiências permite a percepção novos olhares, estilos e gostos diferentes que existem por aí, principalmente em um âmbito tão diverso que é o musical, e reconhecer essa variedade é muito importante e rico.

Fiquei muito animado com o evento, pois se tem algo que eu realmente gosto é ouvir música, ou melhor, ser envolvido por ela. Mais do que participar como cantor ou guitarrista estou muito contente em ter participado como ouvinte.

Muitos acham que produzir música nada mais é que reunir alguns instrumentos tocando umas e outras notas conjuntamente para formar um único som agradável aos ouvidos. Ainda mais pessoas como nós, exatídes, que temos uma visão muito objetiva e matemática das coisas, mas ela é muito mais que isso: a música é sensação, sentimento, emoção, algo abstrato capaz de nos mobilizar profundamente nos mais diversos sentidos. A prova disso é ver tantas pessoas se dispondo, durante quase três meses, a reservar duas, três, quatro ou mais horas por semana só para ensaiar para uma pequena apresentação de alguns minutos que acontece, inclusive, em uma semana de provas. A resposta é: vale a pena.

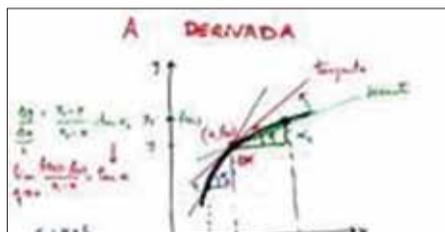
Adorei essa edição do RockBixos e com certeza estarei presente na próxima, se não ajudando na organização - como pessoas incrivelmente dedicadas como a Gabi (Judith) -, estarei lá na plateia ouvindo, pulando, gritando, enfim, sendo envolvido. Parabéns a todas as bandas e a todos os organizadores, foi demais!”

Alexandre Denigres, participante do II RockBixos



Jean Santiago
Engenharia Civil - 3º ano

Horoscopóli



Áries: Cálculo I

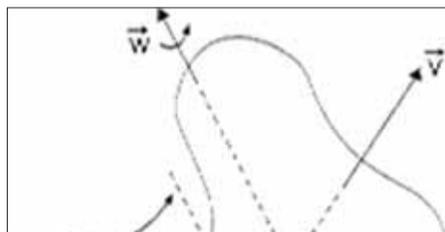
Ah, o líder do horóscopo! Aquele que todos usam como referência! Seu aniversário acabou de passar e com isso você está com nervos à flor da pele – mais do que o normal, se é que isso é possível. Mas cuidado: uma luação está acontecendo em seu signo, o que o tornará mais propenso a se envolver em brigas. Atenção especial nas festas para não tentar matar o amiguinho se ele derramar bebida em você. Aproveite uma maré de boa sorte na vida escolar pra tirar notas altas na P3 e não sofrer com a Psub.

```
def add(x):
    return x+5

def dotwrite(ast):
    nodename = getnodename()
    label=symbol.syn_name.get(int(ast[0]),ast[0])
    print "%s (%s)" % (nodename, label),
    if isinstance(ast[1], str):
        if ast[1].strip():
            print "%s (%s)" % ast[1]
        else:
            print ""
    else:
        print ""
```

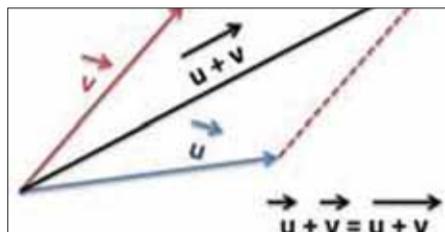
Touro: MAC2166

Sua teimosia e cabeça dura podem ser defeitos para os outros, mas na hora de fazer os EP's eles são essenciais. Enquanto todos os seus amigos já xingaram o compilador e foram dormir você ainda está lá olhando fixamente para tela tentando achar o erro. A palavra do mês é desapego. Esqueça a P1 e a recente P2, são águas passadas, agora que você já conhece melhor a Poli, foque para tirar uma nota melhor na P3. Ah! Afrodite volta ao lar taurino, fique esperto porque uma nova paixão pode aparecer. (Ou só uma crush pra você sofrer e stalkear).



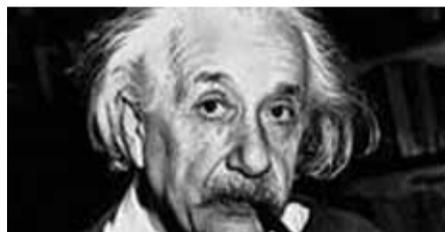
Gêmeos: Mecânica A

Esse signo duas-caras provou ou provará de seu veneno cursando Mec A. Depois de tirar notas altas na P1 e na P2, possivelmente será surpreendido por uma nota baixa na P3 e terá que estudar nas férias. Mas ainda dá tempo de reverter essa situação: é só estudar bastante pra P3, mesmo que você tenha sambado nas duas primeiras provas. Nesse mês, organize-se! Já reserve tempo para o EP4 e para os estudos. O caos desse mês pode gerar consequências catastróficas no fim do semestre.



Câncer: Algelin I

Seu comportamento lunático faz com que você enxergue os outros planos e dimensões de que a matéria tanto fala. E se isso não for o bastante, a sua aguçada intuição lhe garante o cinco bola no chute. Os planetas estão no ponto mais alto em sua vida, curta essa época! As melhores festas estão por vir: Bixopp e G4. Aproveite elas para largar os cadernos e se divertir um pouco.



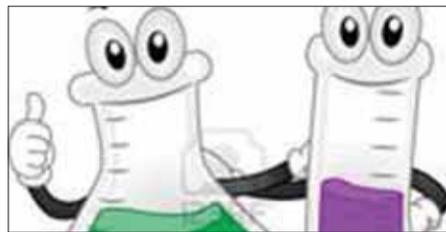
Leão: Física II

Seu ego inflado e arrogância foram terrivelmente abalados após a P1, especialmente quando as notas saíram. Sinto muito em lhe informar, mas as previsões para o fim do semestre não são muito boas... Assim como você aprenderá em física II, aquilo que você acreditou ser verdade absoluta é relativo. Além disso, contração no tempo de estudo pra P3 (até a P1 você teve seis semanas, agora tem pouquíssimos tempo) será acompanhado de uma expansão do nabo.



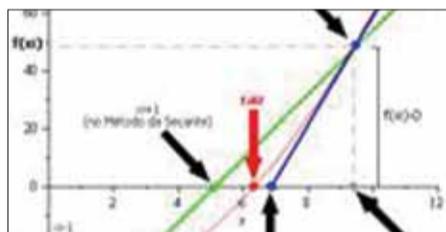
Virgem: PNV

Seu perfeccionismo e comportamento extremamente observador serão essenciais para que as melhores notas em PNV sejam do seu grupo, graças ao seu relatório detalhado e impecável. Há grandes chances de você vencer em todas as apresentações. Nesse mês, com a entrada de Urano em virgem, você está muito rebelde, com pouca vontade de estudar e de levar a faculdade a sério. Cuidado com o nabo!



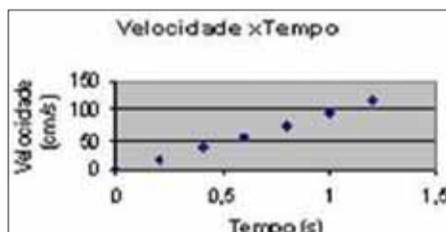
Libra: PQI2100

Esse signo tão idealista, equilibrado e justo é muito bem representado por PQI. Hãh? Pois é, a matéria não é fácil, mas oferece aos alunos uma real chance de passar. Não me refiro apenas aos labs – que ajudam muito na nota, diga-se de passagem – mas também a própria prova, que permite até os incrédulos, que a entregam em branco, tenham uma chance de tirar mais do que zero. Se o mês passado foi tranquilo demais, esse não será, pois Vênus, Marte e o Sol caminharão unidos e sem a pressão de Urano, paixões novas irão surgir para confundir essa cabecinha que há tanto tempo não ficava balanceada por alguém.



Escorpião: Cálculo Numérico

Conhecido com o signo mais difícil do horóscopo... e não é a toa, não é? A matéria famosa pelo aumento da estadia de muitos na Poli está de bem com você. Pasmé. Se você estiver fazendo turma web, é dessa vez que você passará! Basta estudar um pouquinho que um notão na P3 surgirá. Nesse mês, atenção especial com sua saúde: está na hora de mudar os hábitos. Troque o café e o redbull por mais horas de sono. E que tal começar praticar um esporte? Outra dica é trocar a comida congelada e fast food pelo bandex, além de saudável, você economizará uma boa gracinha.



Sagitário: Laboratório de Física

O signo mais destemido do zodíaco tem tudo para se divertir durante os labs de física, já que fazê-lo é sempre uma aventura! Incertezas podem dar números maiores que as grandezas que você está calculando. Será que dessa vez vai dar certo? Teremos que repetir? Como calcula esse erro? Que horas conseguiremos sair daqui? São perguntas que não saem da sua cabeça enquanto você tenta compreender o que diabos está fazendo. Nesse mês, a dica é tomar cuidado com eventuais choques no f piscador.



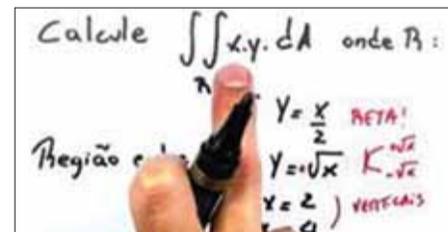
Capricórnio: Introdução à Economia

Os capricornianos ficaram em dúvida entre fazer FEA e POLI. Escolheram engenharia, pois dizem que é a profissão mais procurada atualmente no mercado brasileiro, mas são apaixonados mesmo por aquelas matérias que começam com "PRO". Nesse mês você está ainda mais mão de vaca e se recusará comer em outro lugar além do bandeco, mesmo quando só tiver carne moída a fantasia e carne picada, o que lhe renderá almoços sozinho. A dica é não resistir as mudanças: aceite que você não é mais o pica das galáxias da sua classe e pare de ver isso como uma derrota



Aquário: PCC I

Ninguém entende o seu sucesso em PCC, talvez nem você mesmo, já que a matéria lhe parece tão trivial. Acontece que apenas uma mente inventiva como a sua e que consegue ver além do papel é capaz de entender geometria descritiva e aquelas milhares mudanças de planos. No dia 13, Mercúrio entra no signo de Aquário iniciando um período romântico, o que o deixará propenso a se envolver em um relacionamento sério, justo agora que você está na faculdade... que pena.



Peixes: Cálculo III

Ah, o signo do zodíaco que representa a fé e o sacrifício, elementos essenciais para passar em cálculo III, ainda mais depois de ver as notas da P1. Nesse mês, seu regente está pressionando plutão e o sol, fazendo com que você está mais independente e corajoso, querendo expor suas ideias e lutando pelo que acredita. Cuidado para não causar demais no facebook, ou poderá ser apedrejado quando encontrar alunos de outras unidades da USP pelo campus. Aproveite que Vênus caminha livre para se livrar daquela DP que tanto odeia.

Um politécnico sem tecnologia

Certo dia, entediado com sua vida politécnica, Kim Gon-chung Babbo Lee resolveu quebrar a rotina. Mas ele não fez isso de um jeito normal como ir na G4 ou fazer uma mini-game-night-party. Babbo queria algo realmente diferente e resolver atravessar o portal para o R4 que se encontra no 2º andar do biênio. Mal sabia ele que deveria ter deixado essa dimensão para as aulas de Algelin.

Nessa dimensão, tudo era bem parecido com a anterior, mas com um pequeno detalhe: não havia tecnologia. Pois é, Babbo teria que levar a poli sem celular, notebook, tablet e até mesmo sem calculadora! Em outras palavras, além de entediante, agora a vida dessa pobre alma tornara-se muito mais trabalhosa.

Os problemas começam em PNV. Todo o trabalho para escrever as 57 páginas do relatório final, que resultou em uma tendinite aguda, fora em vão, pois seu colega de grupo tomou chuva no caminho pra poli e as cartolinas da apresentação ficaram estragadas. Depois dizem que PNV é coxa.

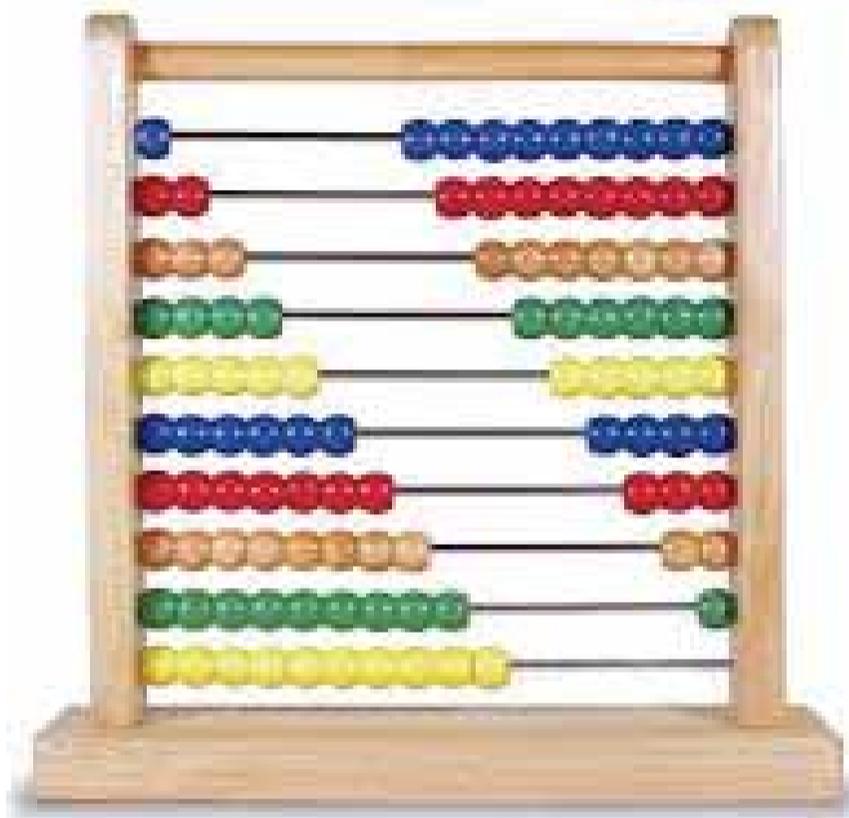
Quando a vida parecia ruim o suficiente, apareceu o projeto de PCC 2. Fazer todo o projeto a mão numa folha A0, nas vistas ortográficas e em perspectiva cavaleira, fez o sentimento de saudades do NX apertar o peito desse jovem. Felizmente, o Mário e a Santa Ifigênia são os mesmos no R4.

Todo esse esforço não se compara ao final boss que Babbo ainda teria que enfrentar: cálculo numérico. O problema não era entender a matéria, mas sim, resolver as questões no tempo de prova. Iterar na Casio ou na HP é fácil, é mole, é lindo, difícil é fazer contas com 8 casas decimais no ábaco (não consegui rimar nada com Fiorino). Mas Babbo não desiste fácil e, após muito treino, já fazia operações na ordem de 18petaflops. Pena que tamanha velocidade acabou fundindo os arames do ábaco e ele não conseguiu terminar a prova.

O único consolo de Babbo é que os cartões magnéticos não existem, então, os circulares sem catraca continuam rodando pela cidade universitária. Além disso, não há mais preocupações em ir até o central carregar o

cartão do bandejão, a tia da física ou da química sempre estão lá para vender tickets na hora.

Diego Andriolo
3º ano Engenharia de Minas



A verdade por detrás da Turma da Mônica

Que significam as roupas, os objetos, os ambientes e a caracterização das personagens? Qual a influência deles sobre os modos de agir e pensar da sociedade atual? Seriam eles retratos de um mundo contemporâneo? Confira agora...na linha de baixo.

Quem nunca se deparou com um gibi da Turma da Mônica enquanto aguardava a consulta no dentista ou no posto de saúde? Quem nunca viu as imagens coloridas desses personagens abarrotando as estantes das bancas de jornal? Mas, leitor atento, há muito mais significado escondido nesses rostinhos infantis do que muitos pensam.

Chico Bento, por exemplo, é um tipo

interessante. Embora pareça que seja um homem do campo, é na verdade a representação das crianças da classe alta da cidade grande que visitam o interior. Veste sempre uma calça azul xadrez, símbolo da moda lançada há dois anos. Andando descalçado, usando um chapéu de palha e falando gírias e sotaques interioranos, acha que consegue se parecer com a população local, quando na verdade está pagando o maior mico. Pagando de playboy, se acha no direito de roubar as goiabas do quintal de Nhô Lau, e, não contente, investe todas o dinheiro do pai em alimentos de feira, os quais mostra para Rosinha alegando serem de sua própria plantação no intuito de conquistar a

pequena moça.

Cascão, por outro lado, mostra um drama frequente do Brasil: o morador de rua. Utilizando uma camisa polo amarela que foi jogada de cima de uma ponte por Chico Bento, o personagem sujo retrata o modo como vivem os indigentes da cidade de São Paulo, submetidos a condições deploráveis de higiene. O falso sorriso que estampa na cara esconde, na verdade, as tristezas e os problemas que enfrenta no dia-a-dia, afinal, não há muito espaço para pessoas deprimidas nos círculos de amizade atuais.

Por fim, a personagem principal, Mônica, é a que mais carrega significados implícitos. Coberta por um

vestidinho vermelho, ela é o símbolo do comunismo que tentou se instalar no Brasil na década de 60. Munida de um coelho de pelúcia azul que representa a opressão através de armas de fogo, Mônica desforra sua raiva em Cebolinha. Além de simbolizar uma arma, o coelho azul é uma referência direta a Donnie Darko, personagem esquizofrênico que vive entre um mundo real e um mundo criado por sua própria mente. O modo de pentear o cabelo para o lado é uma analogia a Adolf Hitler. Em síntese, a personagem é, na verdade, a faceta má do comunismo.

Saurício de Mouza

Um Relax

Nesta edição resolvi trazer dois álbuns recentes que gosto muito por serem fáceis e gostosos de ouvir. Deixei também recomendações de faixas ao final de cada resenha caso você não estiver entendendo lhufas do que estou falando ou quiser ir logo ao que interessa.



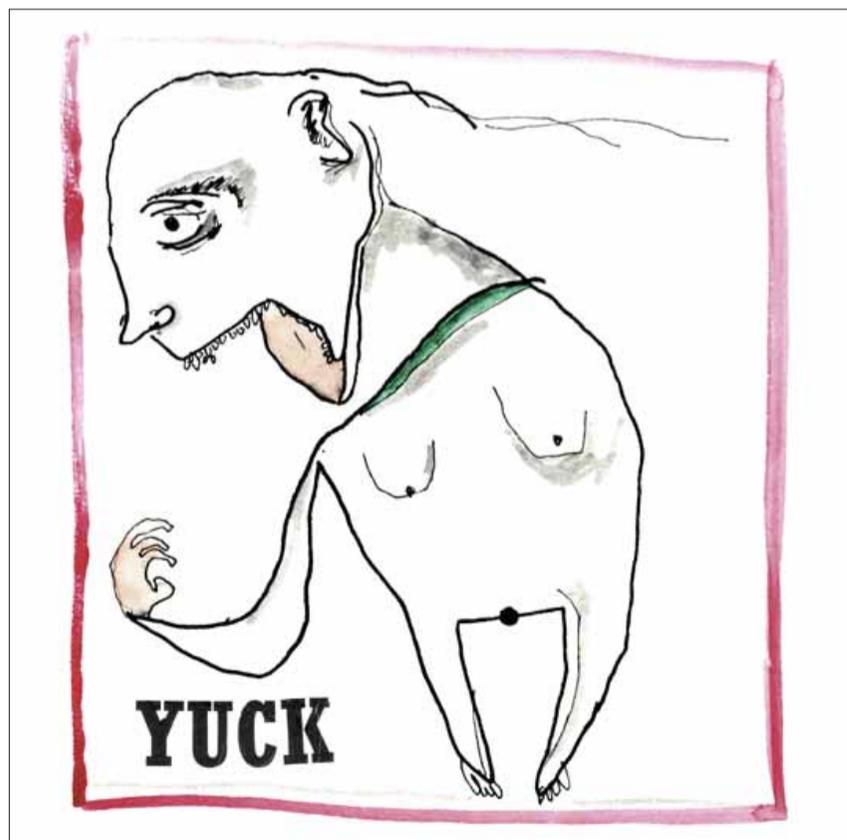
FOXYGEN -WE ARE THE 21ST CENTURY AMBASSADORS OF PEACE & MAGIC (2013)

O segundo álbum do duo americano vem mais variado, mais pop, mais colorido e com mais déjà-vu's. Dá pra ouvir Elvis, Rollings Stones, o "Sgt. Peppers" dos Beatles, Velvet Underground e um pouco de soul. Tudo isso de uma maneira despreocupada, que às vezes soa tosco de propósito. Em "San Francisco", a seção de xilofone dá uma alegria inocente: o "nossa, que bobo" da nossa voz da consciência é imediato; mas logo que escutamos o refrão chiclete "I left my love in San Francisco/That's ok, i was bored anyway" fica claro que eles não se levam tão a sério, assim como você também não se levará a sério quando sair cantarolando de olhos fechados parecendo um cantor romântico brega. Semelhante efeito cômico é sentido em "Shuggie", com seus

"la-da-la-da-ra-la" e refrão-paráfrase de um livro de auto-ajuda: "But if you believe in yourself, you can free your soul!". Em dado momento a canção "quebra" e entram batidas moderninhas. Esta é a evidência mais clara de outro ponto-chave do álbum: o vintage das referências casa com o moderninho, reformatando a músicas dos vinis para os smartphones e criando algo original. Metaforicamente, Foxygen é o Instagram da música, porém deixa as fotos de cupcake acompanhadas livros e óculos de lado: Foxygen tem muita qualidade e merece atenção. Por enquanto, meu álbum preferido do ano.

Ouçã:

"No Destruction", "San Francisco", "Shuggie"



YUCK - YUCK (2011)

O Yuck apareceu em 2011 – quando formar bandas estilo anos 90 estava na moda – e estreou muito bem. O visual da banda é engraçado: um vocal descabelado fazendo cosplay de Jesus and Mary Chain; uma japonesa com uma franja-venda; um branco de cabelo black power; e o indie de camisa xadrez e barba que a gente vê sempre na Paulista. Mas vamos falar de música. Como havia comentado, há influências claras da música dos 90's. O estilo de gravação lo-fi – chiado, como se fosse de baixa qualidade, marcante de bandas como Pavement e Dinosaur Jr há 20 anos – é presente em todas as faixas. Esse é um dos poucos álbuns que considero não ter sequer uma canção ruim. As melodias criam a imagem de um dia feliz e ensolarado. Algumas canções como "Get Away" ou "Georgia" são a trilha sonora perfeita de uma road trip. Outras são a preguiça matinal de um domingo: "Sunday" (ah vá); "Suck"; e

"Shook Down", a qual se destaca pelo refrão grudento e gostoso: "And it's been a week/ And it's been a week too long[...]".O álbum fecha muito bem com uma homenagem ao estilo shoegaze –também dos 90's–, com suas progressões de acordes lentos e distorcidos, formando um barulho monótono ao fundo, mas com refrãos bem proeminentes: "Should I give in?", "Yes, I give in". Infelizmente o vocalista anunciou recentemente sua saída da banda e trabalhará em projeto solo, enquanto o restante do Yuck lançará um novo álbum em breve. Vamos torcer para que saiam dois novos projetos tão bons como esse.

Ouçã: "Get Away", "Shook Down", "Stutter", "Rubber"

Renato Grando
Engenharia Civil – 3º ano

Grêmio Politécnico e Bixos 2013 Orgulhosamente Apresentam:

Bixos Oz



14/06
21h00

Vendas (27/05):

- 1º Lote: -

Entrada: R\$ 10,00

Caneca: R\$ 30,00

(Entrada+Open Chopp+Talabarte)

Grêmio Politécnico da USP
Av. Professor Almeida Prado, 128
Travessa 2 - 1º andar do Biênio

Bar:

Chopp Devassa
Cerveja
Vodka
Amnésia
Energético
Jurupinga
Apple Citrus

Atrações:

Rodrigo e Gabriel
The General
DJ Rodrigo Brito
Project Oz

Local:

Estacionamento
da Poli

Patrocínio:



Realização:

Contato: 3901-5777

